

**CONEXÕES DIGITAIS: AS RELAÇÕES QUE OS JOVENS ESTABELECEM COM  
AS TECNOLOGIAS EM TRÊS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE  
ITAPOÁ/SC**

**DIGITAL CONNECTIONS: THE RELATIONSHIPS THAT YOUNG PEOPLE  
ESTABLISH WITH TECHNOLOGIES IN THREE PUBLIC SCHOOLS IN THE  
MUNICIPALITY OF ITAPOÁ / SC**

**CONEXIONES DIGITALES: LAS RELACIONES QUE LOS JÓVENES  
ESTABLECEN CON LAS TECNOLOGÍAS EN TRES ESCUELAS PÚBLICAS DEL  
MUNICIPIO DE ITAPOÁ / SC**

OLKOSKI, Marcela Deunísio  
ma.olkoski@hotmail.com  
UNIASSELVI

<https://orcid.org/0000-0001-9915-3477>

MARTINS JUNIOR, Luiz  
luizmartins.jr@hotmail.com  
UDESC

<https://orcid.org/0000-0002-6026-8338>

FROZZA, Marcia Vidal Candido  
frozamarciavidal@gmail.com  
UNIASSELVI

<https://orcid.org/0000-0002-2652-6823>

**RESUMO:** Este artigo relata as conexões digitais estabelecidas por jovens que frequentam a Educação Básica em três instituições públicas do município de Itapoá/SC. Nessa abordagem, o objetivo foi investigar e compreender as dimensões e relações dos jovens estudantes com as tecnologias digitais. A pesquisa de abordagem quali-quantitativa descritiva e exploratória envolveu sessenta e quatro estudantes de três escolas públicas do município de Itapoá/SC, em 2017. O estudo indica que boa parte da juventude atual está conectada à *Internet*, faz uso dela em diferentes situações e a utiliza para finalidades diversas. Sinaliza também que as escolas pesquisadas, embora tenham aparato tecnológico, ainda não concretizaram o processo de inclusão, alfabetização e letramento digital, o que incide sobre a preparação, formação e as práticas pedagógicas dos professores. Considera-se que mesmo havendo políticas educacionais fundamentadas no uso das tecnologias digitais, as dificuldades de acesso por boa parte dos estudantes e professores tornam complexa a inclusão digital no campo escolar.

**Palavras-chave:** Juventude. Conexões digitais. *Internet*. Tecnologias digitais.

**ABSTRACT:** This article reports on the digital connections established by young people who attend Basic Education in three public institutions in the municipality of Itapoá / SC. In this approach, the objective was to investigate and understand the dimensions and relationships of young students with digital technologies. The descriptive and exploratory quality-quantitative research involved sixty-four students from three public schools in the municipality of Itapoá / SC, in 2017. The study indicates that a good part of today's youth is connected to the Internet, makes use of it in different situations, and uses it for different purposes. It also signals that the schools surveyed, although they have a technological apparatus, have not yet completed the process of inclusion, literacy, and digital literacy, which affects the preparation, training, and pedagogical practices of teachers. It is considered that even though there are educational policies based on the use of digital technologies, the difficulties of access by most students and teachers make digital inclusion in the school field complex.

**Keywords:** Youth. Digital connections. Internet. Digital technologies.

**RESUMEN:** Este artículo informa sobre las conexiones digitales que establecen los jóvenes que cursan Educación Básica en tres instituciones públicas del municipio de Itapoá / SC. En este enfoque, el objetivo fue investigar y comprender las dimensiones y relaciones de los jóvenes estudiantes con las tecnologías digitales. La investigación de abordaje cualitativa-cuantitativa y exploratoria, involucrando a sesenta y cuatro estudiantes de tres escuelas públicas del municipio de Itapoá / SC, en 2017. El estudio indica que una buena parte de la juventud de hoy está conectada a Internet, la utiliza en diferentes situaciones y la utiliza para distintos fines. También señala que las escuelas encuestadas, aunque cuentan con un aparato tecnológico, aún no han completado el proceso de inclusión, alfabetización y alfabetización digital, lo que afecta la preparación, formación y prácticas pedagógicas de los docentes. Se considera que, si bien existen políticas educativas basadas en el uso de tecnologías digitales, las dificultades de acceso por parte de la mayoría de los estudiantes y docentes hacen compleja la inclusión digital en el ámbito escolar.

**Palabras clave:** Juventud. Conexiones digitales. Internet. Tecnologías digitales.

## 1 CONEXÕES INTRODUTÓRIAS

Este artigo apresenta as considerações levantadas a partir de um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC de licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação de Garatuba-ISEPE/PR, que teve como objetivo investigar e compreender as dimensões e as relações dos jovens estudantes com as tecnologias digitais de três

escolas da Rede de Ensino do município de Itapoá/SC. Vivemos numa sociedade globalizada, paradoxal, complexa e ubíqua, cuja geografia não mais possui linhas de fronteiras. Desse modo, global e local se intercambiam as materialidades clássicas da escola, tais como caderno, lápis e borracha, quadro e giz não constituem a única referência escolar, pois o digital está presente no cotidiano da juventude contemporânea.

Pode-se dizer que os tempos mudaram, a Educação tornou-se híbrida e os jovens estudantes portam, hoje, outras subjetividades. As tecnologias digitais afetaram os diferentes ramos da sociedade e estabeleceram diversificados arranjos afetivos, sociais e culturais que configuram e criam outros processos de comunicação, comportamentos e, inclusive, de aprendizagem. Os tempos e espaços são outros, as marcas da pós-modernidade simbolizam uma sociedade líquida, com relações diversas e com jovens consumidores de tecnologias e mídias digitais (MAFFESOLI, 2002).

Diante dessas transformações e acontecimentos gestados nas coalizões de forças centrífugas e centrípetas (ELIAS, 1994) do mundo globalizado, certamente modificam-se não apenas as formas e os suportes de comunicação dos jovens estudantes, mas também as relações tecidas no interior dos espaços sociais e culturais e nos grupos dos quais eles participam e com quem interagem (VALLERIUS, 2013). A escola, instituição social formadora, de certa forma, como afirma Narodowsky (s/d), vê-se diante de uma crise marcada pela instantaneidade, superficialidade e no imediatismo que ganham espaço, força e ordem nas mais variadas formas de relações estabelecidas entre os nativos digitais, assim como diz Gobbi (2010).

Ensinar nesses novos tempos se complexificou, caracterizando-se como processo amplo que necessita ser redirecionado à luz das tecnologias digitais (PIPITONE *et al.*, 2005), pautado num ensino em rede, com linguagem hipertextual da *Web*, metodologias ativas e no encorajamento de propostas que busquem aguçar o interesse e a criatividade dos jovens estudantes acerca dos conhecimentos curriculares. Preparar os nativos digitais para ler, interpretar e saber utilizar as informações disponibilizadas no ciberespaço e torná-las fontes de conhecimentos ao



invés de apenas informação e entretenimento também é um compromisso social e formativo colocado à escola atual.

Tendo em vista esse cenário em que se encontra a escola e as formas interativas da sociedade atual, traçamos como questão norteadora para este estudo: Quais as finalidades e apropriações das tecnologias digitais por parte dos jovens estudantes no cotidiano? Em função do objetivo articulado com o problema de pesquisa, adotamos uma abordagem quali-quantitativa com enfoque no estudo descritivo e exploratório, a partir da aplicação de questionário a sessenta e quatro estudantes de três escolas públicas - duas do Ensino Fundamental/municipal e uma do Ensino Médio/estadual, localizadas no município de Itapoá/SC, em 2017.

No propósito de pesquisar sobre as formas como os jovens lidam com as tecnologias digitais em seus mais variados estilos de vida, este texto está organizado em três partes: na primeira, apresentamos algumas considerações pertinentes sobre os jovens contemporâneos, as relações e os desafios dos processos de ensino e aprendizagem decorrentes das transformações do mundo midiático e digital. Na segunda parte, situamos o universo da pesquisa, destacando a metodologia, os sujeitos, os contextos e os instrumentos utilizados na geração dos dados. Por sua vez, na terceira parte, nos concentramos na leitura, análise e reflexão dos resultados obtidos, seguido das considerações finais e referências.

## **2 NOVOS TEMPOS, OUTRAS RELAÇÕES: QUEM SÃO OS JOVENS CONTEMPORÂNEOS?**

A globalização promovida pelas tecnologias da informação e comunicação a partir dos anos 1990 alterou de forma substancial o modo como as pessoas se relacionam entre si, com o trabalho, o lazer e o conhecimento, entre outras situações. No Brasil, isso se deve ao aumento de usuários de *Internet*, chegando próximo “[...] dos 126,9 milhões de sujeitos em idade escolar (10 anos ou mais) em 2018, acesso promovido pelo uso de aparelhos celulares”. (BARBOSA, 2019, p. 25). Esse contexto afeta a infância, a adolescência e a juventude contemporâneas e se reflete na escola, exigindo mudanças nas práticas pedagógicas e no relacionamento entre os sujeitos que a frequentam (BORTOLAZZO, 2012).



Adolescentes e jovens estudantes são, grosso modo, caracterizados como a Geração Z, formada por pessoas que nasceram após os anos 1995, no momento que os computadores entravam em diferentes espaços sociais, de trabalho e de lazer e as conexões via *Internet* ligavam pessoas de diferentes partes do mundo (BORTOLAZZO, 2018; EMMANUEL, 2020). Embora pareça que os pertencentes a essa geração tenham acesso constante aos aparatos tecnológicos e digitais, cumpre lembrar que a visão global precisa ser relativizada, tendo em vista as diferenças socioeconômicas promotoras de desigualdades sociais em nosso país. Feita a ressalva, definimos, na sequência, o que se entende por juventude da era digital, comportamento dessa juventude, percepção de tempo e espaço e como esse universo se reflete nas escolas estudadas.

A característica abrangente da Geração Z, formada por pessoas que usam aparelhos celulares, *iphones* e *notebooks*, principalmente, e têm acesso à *internet*, é de uma constante conexão com o mundo virtual. Desse modo, para Emmanuel (2020, p. 13), “O aparato tecnológico se transformou em uma extensão do próprio corpo, que é capaz de fornecer uma gama de possibilidades ao portador, como entretenimento, informação, comunicação”. As consequências desse contexto passam essencialmente pela “[...] autonomia que gera profunda dependência” (EMMANUEL, 2020, p. 13), ou seja, a vida acontece quando conectada.

Pensar na juventude profundamente integrada ao espaço cibernético revela outra característica dessa geração, qual seja, a da percepção de tempo e espaço diferenciada da noção que as gerações analógicas têm, com encurtamento virtual de distâncias e de tempo para que as coisas aconteçam. Nas palavras de Oliveira (2017, p. 287), com “[...] a minimização das distâncias espaço-temporais e a intensificação da recursividade, a possibilidade de múltiplas interferências, a variedade de conexões e a diversidade de trajetórias, rompeu-se a temporalidade rígida, relativizando-a”. O que se torna complexo para os nascidos na era analógica é vivenciado rotineiramente pela juventude que passa boa parte dos seus dias conectada, conversando, assistindo ao que gosta, trocando informações, sabendo do que acontece em diferentes partes do mundo, na maioria das vezes sem sair de casa ou do trajeto casa-escola-casa.



Na percepção dessa juventude sobre a qual nos referimos, há possibilidades de se fazer dezenas de coisas simultaneamente, movimentando apenas as mãos, que comandam um aparelho cuja tela parece abrir o mundo a quem estiver conectado. A juventude da qual tratamos checa redes sociais, joga, lê notícias breves, *retwita* mensagens polêmicas, “cancela” pessoas que julgam inapropriadas para o momento ou cria ídolos do dia para a noite (OLIVEIRA, 2017). De acordo com Barbosa (2019), a *Internet* tem se tornado um dos principais elementos de socialização entre adolescentes e jovens e ferramenta essencial para quem entra no mundo do trabalho.

O contexto apresentado se reflete na escola e as metodologias de ensino dos anos 1990 não são as mais adequadas para uma geração que busca resolver tudo instantaneamente e acredita que a *Internet* é a solução para a maioria dos problemas. Como resultado disso, a influência do acesso cada vez mais amplo ao ciberespaço opera mudanças no modo como se percebe a escola. Nela, passamos da memorização de informações obtidas principalmente nos livros didáticos e transmitidas pelo professor para uma possibilidade de encontrar essas informações no ciberespaço. A ideia de que tudo está ao alcance de um *click* também altera a forma como percebemos a necessidade de reter informações, sugerindo a redução de armazenamento de informações no cérebro, pois todas estarão disponíveis sempre que for necessário na “nuvem”, ou “num artefato da cultura das mídias digitais” no qual parecem caber todos os conhecimentos (ZDRADEK; BECK, 2019, p. 11). O único trabalho, neste caso, é saber onde e como encontrar a informação necessária em um determinado momento (MURDEM; CADENASSO, 2018).

O fato de não parecer mais necessário reter informações na mente também ocasiona uma geração, de certo modo, desatenta, confiante de que descobre tudo na hora que precisar, bastando digitar palavras-chave nas ferramentas de buscas e contar com centenas de fontes (MURDEN; CADENASSO, 2018), ficando para si apenas a tarefa de escolher uma delas, copiar e colar a informação para resolver a tarefa solicitada pelo professor.

Refletindo sobre esse contexto, e pensando na juventude público-alvo das escolas na atualidade, percebe-se que, se os jovens vivem boa parte de seus dias conectados à *Internet*, o mesmo não acontece na escola em relação ao processo de

ensino e aprendizagem, a começar pelo professor. Isso porque, boa parte das escolas não possui os aparatos tecnológicos, humanos e curriculares para atender à demanda das culturas da juventude, nem os professores, pelo menos boa parte deles, estão preparados para interagir com essa cultura no trabalho pedagógico. Costa (2009), ao fazer a relação entre professor, aluno e saber, ressalta as consideráveis mudanças corridas no contexto social que envolve os professores na atualidade e impactam nas práticas pedagógicas.

Nesse contexto estão em jogo, portanto, a formação inicial desses professores e a realidade com a qual se deparam, um cenário social e escolar diverso daquele em que se formaram professores. Encontramos, ainda, a fragilidade das políticas públicas ou medidas relativas à educação escolar básica, principalmente, para auxiliar os docentes nas mudanças necessárias para o atendimento ao público escolar atual. Por consequência, o saber também passa a ser questionado no sentido tanto dos conteúdos quanto das práticas pedagógicas que, salvo algumas exceções, ainda se mantêm em aportes metodológicos da pedagogia clássica, que sustentam práticas unilaterais, com vivências e experiências muitas vezes descontextualizadas e desprovidas de sentido social e cultural para os estudantes, embora tenhamos, nos últimos anos, alcançado discussões em vários âmbitos educacionais situando o professor como mediador do conhecimento, o que implica, ainda, na mediação de saberes e do uso das tecnologias digitais para a alfabetização e o letramento digital (COSTA, 2009). Some-se a isso a necessidade de aprender a escrever em meios digitais, o que altera profundamente a percepção da escrita cursiva e do direcionamento da alfabetização para um campo diferenciado, que não exige mais, por exemplo, saber como separar sílabas ou letra legível (RIBEIRO; COSCARELLI, 2017).

Essa alfabetização consiste, então, em se apoderar da tecnologia no sentido de saber usar o teclado, o *mouse*, ligar e desligar a máquina, usar os recursos que o computador e a *Internet* disponibilizam, saber abrir e responder *e-mails*, clicar num *link* e saber voltar à tela anterior, ações que também indicam o letramento digital. Junta-se a isso a necessidade de práticas de leitura e escrita desenvolvidas em ambientes virtuais, ou seja, compreender e assumir mudanças no modo como se

aprende a ler e a escrever códigos da linguagem verbal e não-verbal, incluindo imagens que aparecem nas telas dos aparelhos celulares e computadores quando se conecta para fazer buscas na Web – por exemplo (PINHEIRO, 2018).

Nesse contexto situa-se o professorado, boa parte dele nascido na era analógica (Geração Baby-Boomer, Geração X e Y), que vai, aos poucos, se alfabetizando no mundo digital, de certa forma invertendo o processo, ou seja, boa parte dos estudantes chega às escolas com algum domínio das tecnologias digitais e com uma linguagem adequada ao mundo virtual, enquanto alguns professores estão aprendendo a usar esse aparato nas suas mais variadas possibilidades metodológicas e didáticas (RIBEIRO; COSCARELLI, 2017). Isso, conseqüentemente, gera conflitos, incertezas e requer, por parte de todos os envolvidos com a educação escolar, conhecimento a respeito do público que frequenta escolas diariamente e como adequar as práticas pedagógicas a esse público. Entendendo esse desafio, a pesquisa aqui apresentada traz alguns elementos sobre os estudantes e o uso das tecnologias digitais como forma de melhor compreensão desse público, aspecto abordado após o delineamento metodológico.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para investigar a situação das tecnologias digitais no plano escolar e diário dos jovens estudantes, utilizamos a pesquisa de cunho quali-quantitativo, pautada no estudo descritivo e exploratório. A abordagem qualitativa, segundo Lüdke e André (2017), é um tipo de pesquisa que possibilita, com a sensibilidade e capacidade do olhar do pesquisador, extrair o máximo possível de informações e dados dos processos e das relações estabelecidas no local pesquisado. Para Gil (2008), a metodologia descritiva articulada com a pesquisa qualitativa tem por finalidade, no campo de investigação, detalhar as situações, as características, as funções, os processos e as formas de um determinado grupo ou fenômeno, de modo a estabelecer relações e conexões entre as variáveis. Nessa abordagem investigativa, aproximamos a metodologia exploratória para melhor compreender o objeto de investigação deste estudo. A pesquisa exploratória, segundo Gonçalves (2007), constitui-se recurso



metodológico para captar, extrair e analisar minuciosamente os saberes, anseios e dificuldades dos participantes a partir do uso de um instrumento de coleta de dados.

A geração de dados para este estudo se deu pela aplicação de um questionário envolvendo 66 estudantes (por isso esta pesquisa também se caracteriza como quantitativa, devido à quantidade de participantes que constitui este *corpus*) de duas escolas do Ensino Fundamental/municipal e de uma escola de Ensino Médio/estadual localizadas no município de Itapoá/SC. O questionário foi aplicado no segundo semestre de 2017 com 38 estudantes de duas turmas do nono ano das escolas do Ensino Fundamental e 28 de uma turma do segundo ano do Ensino Médio/estadual. Destes, 45 estudantes se autodeclararam do gênero feminino e 21 assinalaram ser do gênero masculino, com idade entre 13-17 anos.

O questionário foi elaborado com 14 questões fechadas com apenas uma opção de resposta e, ao final, uma questão aberta. Lembramos que, neste artigo, os dados gerados na questão aberta não foram analisados, por demandarem uma leitura comparativa com os dados estatísticos, portanto, necessitando de uma abordagem diferenciada. Para analisar e compreender o uso das tecnologias digitais por parte dos participantes, consideramos relevante destacar questões referentes ao perfil dos estudantes, como também o enfoque em questões que tratassem sobre a realidade contextual, salientando usos, acessos, frequência e percepções sobre o uso da *Internet* e de dispositivos e aparatos tecnológicos tanto no cotidiano escolar como em outras esferas sociais da vida dos estudantes.

A compilação, organização e apresentação dos dados gerados fundamenta-se na estatística descritiva e a leitura dos dados e interpretação dos resultados seguiu o proposto por Franco (2009). As escolas são identificadas neste artigo como Escola A, B e C, como forma de salvaguardar a identidade de instituições e estudantes. As três escolas contavam com uma sala de informática com computadores e acesso à *Internet*, mas apenas duas mantinham profissional especializado para atendimento a estudantes e professores.

Destaca-se que a opção pelas escolas em tela se deu por duas razões: no município onde foi realizado o estudo havia, no período pesquisado, apenas uma escola estadual, já as escolas municipais foram indicadas pela Secretaria Municipal



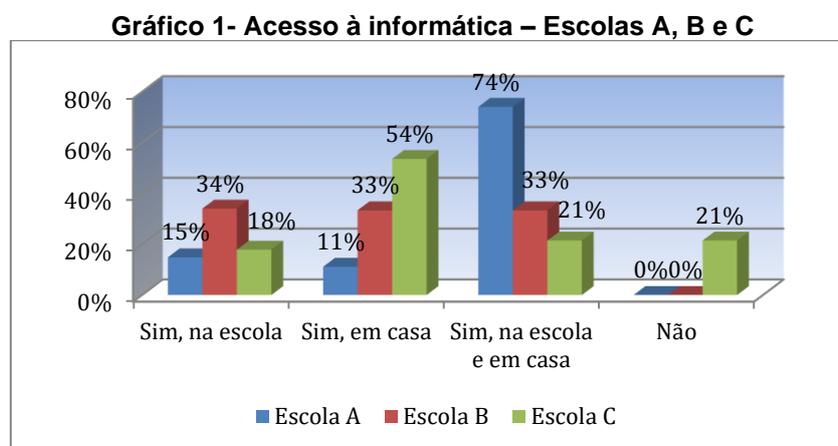
de Educação. Quanto às turmas que participaram da pesquisa, estas foram indicadas pelos professores que aceitaram o estudo nas turmas para as quais lecionavam.

A pesquisa aqui apresentada foi realizada na segunda quinzena do mês de junho de 2017 nas duas escolas de Ensino Fundamental municipais e na primeira quinzena de julho de 2017 na escola estadual com a turma de Ensino Médio. Os questionários foram aplicados presencialmente após as atividades de estágio, com uma folha de questionário para cada estudante. Posteriormente, as respostas foram compiladas para a análise dos dados.

Feitas essas observações, na sequência apresentamos a leitura e interpretação dos dados gerados e representados graficamente, por questão, aglutinando escolas e opções de resposta.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa de campo aqui relatada consistiu na aplicação de um questionário com 14 questões fechadas a duas turmas de Ensino Fundamental e uma turma de Ensino Médio de três escolas públicas de Itapoá, município de Santa Catarina, e conseqüente leitura e reflexão sobre os dados gerados. Na primeira questão, solicitamos aos participantes que respondessem se tinham acesso à informática na escola e em casa, dando-lhes três opções de resposta: “sim, na escola”; “sim, em casa” e “não” (não tinham acesso). As respostas estão sistematizadas no Gráfico 1.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Conforme o Gráfico 1, nota-se que 74% dos estudantes pesquisados da escola A tinham acesso à informática em casa e na escola, 15% somente na escola e 11% deles apenas em casa. Já na escola B, 33% dos estudantes tinham esse acesso na escola e em casa, 34% somente na escola e 33% somente em casa. Na escola C, por sua vez, 54% dos estudantes tinham acesso à informática em casa, 21% na escola e em casa, 18% apenas na escola e 21% não tinham acesso à informática em nenhum desses espaços. Conforme os dados, a Escola A apresentou maioria de estudantes com acesso à informática, o que leva a entender as facilidades de acesso promovidas pela escola e, talvez, condições econômicas familiares que lhes permitissem conexão com a *Internet* também em casa. Chama a atenção a escola C, cujos estudantes afirmaram ter mais acesso à informática em casa do que na escola e os 21% que não tinham acesso a ela em nenhum desses espaços.

Os dados revelam características importantes a serem pensadas quando se trata da juventude contemporânea. Geralmente, tende-se a considerá-la uma geração totalmente conectada, porém, conforme já ressaltamos, a desigualdade social é uma realidade em nosso país (EMMANUEL, 2020; BORTOLAZZO, 2012; 2018). Isso também permite pensar na importância da contribuição da escola para a formação da juventude, disponibilizando aparato tecnológico digital e conexão em rede para que todos tenham acesso ao mundo digital e possam ser orientados quanto às possibilidades de aprendizagem escolar a partir do uso das tecnologias comumente disponíveis. Isso implica na alfabetização e no letramento digital, tendo em vista que ter acesso e usar um aparelho conectado à *Internet* não significa dizer que essas tecnologias e recursos são usados adequadamente quando se trata da aprendizagem escolar (RIBEIRO; COSCARELLI, 2017; PINHEIRO, 2018).

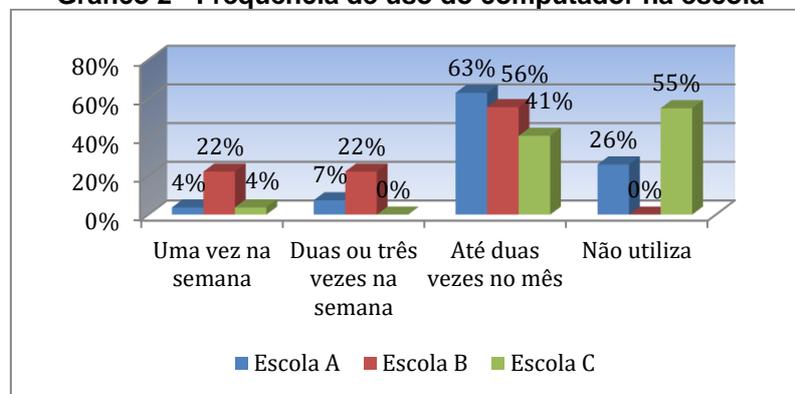
Conforme os dados da pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, realizada em 2017, cerca de 3 milhões de crianças e adolescentes (na faixa etária dos 9 aos 17 anos) tinham acesso à *Internet*, contra 1,4 milhões de indivíduos que não estavam conectados com o mundo virtual. Na mesma pesquisa, dentre os usuários, 92% deles tinham como principal ponto de acesso a própria residência. No recorte por regiões, o Sul do país contava com 95% dos usuários acessando à *Internet* em casa (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2019). Pensando esses dados a partir da



pesquisa que realizamos em Itapoá, os 21% dos estudantes da escola C podem fazer parte do grupo de jovens que nasceram na era digital, são considerados como Geração Z, porém, a *Internet* não parece ser elemento central em suas vidas, seja na escola, seja em casa.

No Gráfico 2, sistematizamos as respostas das três escolas para a pergunta que focou a instituição de ensino como espaço de acesso à *Internet* (“Com que frequência você utiliza o computador na Escola?”), com as seguintes opções de resposta: “uma vez na semana”; “duas ou três vezes na semana”; “até duas vezes no mês”; “não utiliza”.

**Gráfico 2 - Frequência de uso do computador na escola**



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Os dados indicam que apenas 4% dos participantes da escola A utilizavam o computador na escola pelo menos uma vez na semana, enquanto mais da metade (63%) respondeu que fazia uso desse aparelho tecnológico até duas vezes no mês. Há de se observar que um pouco mais de um quarto dos participantes afirmaram não utilizar (26%) computadores no espaço escolar. Na escola B, 56% dos participantes responderam que usavam o computador na escola até duas vezes no mês, 22% utilizavam uma vez na semana e a mesma percentagem duas ou três vezes na semana. Já na escola C, mais da metade dos participantes (55%) respondeu não utilizar o computador no ambiente escolar, enquanto 41% afirmaram usá-lo até duas vezes no mês e 4% faziam uso de computador uma vez na semana.

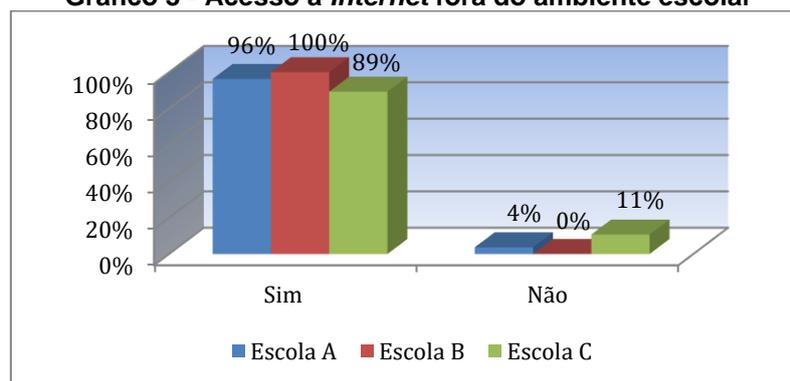
Comparando os contextos, observa-se que, embora a escola A tivesse maior número de estudantes com acesso à *Internet*, na escola e em casa, o acesso orientado na escola B era maior do que na A no quesito uma, duas e três vezes na



semana, com 22% para cada opção. A resposta para acesso à *Internet* até duas vezes no mês foi maior na escola A, seguida da Escola B e, por último, a escola C. Compete destacar, ainda, os 54% de estudantes da escola C que apontaram nunca usar a *Internet* na escola, refletindo a realidade de muitas instituições de ensino básico brasileiras que nem sempre, por diferentes motivos, viabilizam o uso desses aos seus estudantes. Dados da Pesquisa *TIC Kids Online* Brasil corroboram essa leitura. Em 2017, apenas 30% das crianças e adolescentes brasileiros estavam conectados à *Internet* (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2019).

Para conhecer mais os estudantes quanto ao uso da *Internet*, questionamos: Você tem acesso à *internet* fora do ambiente escolar? Se não, por quê? Sugerindo, além da resposta “sim” ou “não”, uma resposta explicativa, caso não tivessem o acesso em questão. As respostas estão apresentadas no Gráfico 3.

**Gráfico 3 - Acesso à *Internet* fora do ambiente escolar**



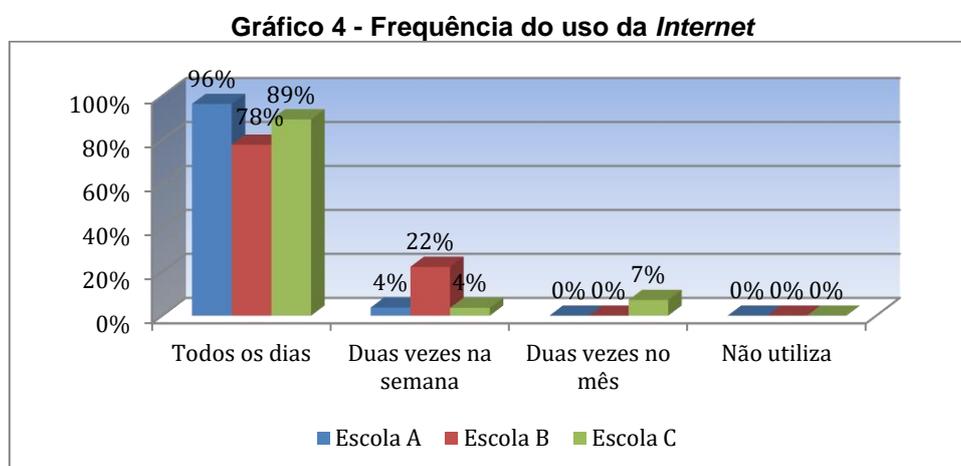
Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Identifica-se, no Gráfico 3, que 96% dos participantes da escola A tinham acesso à *Internet* fora do ambiente escolar na época de realização desta pesquisa. Cabe ressaltar os 100% dos estudantes da escola B que responderam ter acesso à *Internet* fora do ambiente escolar, considerando que a referida escola atendia, à época, um público pertencente a classes menos favorecidas economicamente - conforme dados coletados verbalmente com a gestão escolar -, porém, ainda assim, todos assinalaram positivamente para conexões com a *Internet* além da escola. Dentre os estudantes da escola C, 89% deles tinham essa conexão fora da escola e 11% não tinham esse acesso, isso porque, a maioria residia em regiões camponesas,



espaço onde redes de telefonia e *Internet* eram mais restritas – dados também obtidos verbalmente com a gestão escolar.

A leitura desses dados permite observar que as conexões em rede fora da escola têm bastante alcance, excetuando-se os espaços em que a infraestrutura é menor. Para entender esse contato dos estudantes com a comunicação em rede, sistematizamos as respostas da quarta questão no Gráfico 4, questão que teve por objetivo saber a frequência de uso da *Internet* por parte dos entrevistados, sem limitar o espaço onde acessam, mas estipulando quatro possibilidades de resposta: “Todos os dias”; “Duas vezes na semana”; “Duas vezes no mês” ou “Não utiliza”.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

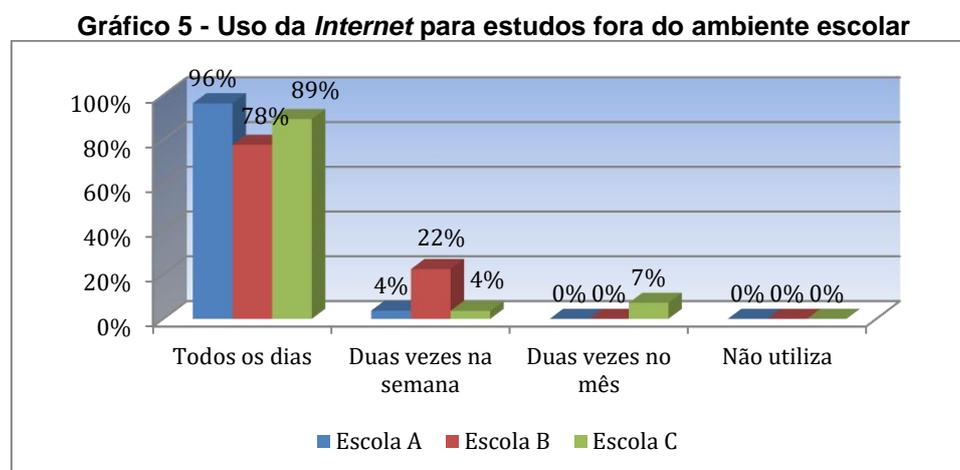
Conforme localiza-se no Gráfico 4, na escola A, 96% dos participantes faziam conexões em rede todos os dias e apenas 4% responderam que duas vezes na semana. Na escola B, 78% acessavam à *Internet* todos os dias e 22% pelo menos duas vezes na semana, configurando acesso semanal. Do mesmo modo, a maioria dos estudantes da escola C respondeu acessar à *Internet* diariamente (89%), 4% deles afirmaram ter acesso duas vezes na semana e 7% responderam ter acesso quinzenal. Também nesta escola todos responderam que conseguiam conexão com a *Internet*, sendo de quinze dias o maior intervalo apresentado.

Comparando com as respostas sistematizadas nos gráficos anteriores, podemos pensar que, embora alguns estudantes residissem em regiões mais afastadas do centro urbano ou as famílias não tinham condições econômicas de arcar com os custos de uma conexão em rede domiciliar, em algum momento esses



estudantes tiveram oportunidade de conexão, que pode ter sido tanto na escola quanto em outros espaços sociais. Entendemos, nesse caso, a necessidade de ampliar a pesquisa em outra oportunidade para compreender melhor essa relação da juventude com a *Internet* e as possibilidades de acesso que encontra em seu cotidiano. Esses dados também se aproximam do levantamento da Pesquisa *TIC Kids Online* Brasil, apontando que, em 2018, 86% das crianças e adolescentes brasileiros usavam *Internet*, principalmente entre as classes A e B. No Sul do Brasil, os dados revelaram que 95% do público investigado era usuário de *Internet* em algum momento no intervalo de um mês (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2019).

Como o foco da nossa pesquisa foi pensar a relação das tecnologias digitais com a escola, na questão cinco perguntamos aos estudantes se utilizavam a *Internet* para estudos fora do ambiente escolar, orientando-os que assinalassem uma das seguintes opções: “Todos os dias”; “Duas vezes na semana”; “Duas vezes no mês” e “Não utiliza”. As respostas estão representadas percentualmente no Gráfico 5.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Compreende-se no Gráfico 5 que a maioria dos estudantes das três escolas pesquisadas - 96% da escola A; 78% da escola B e 89% da escola C - utilizavam a *Internet* para estudos fora do ambiente escolar todos os dias. Já 22% dos estudantes da escola B e 4% dos estudantes das escolas B e C assinalaram a opção de uso da *Internet* para estudos fora do ambiente escolar duas vezes no mês e 7% dos estudantes da escola C responderam que a usavam para estudos duas vezes no mês.

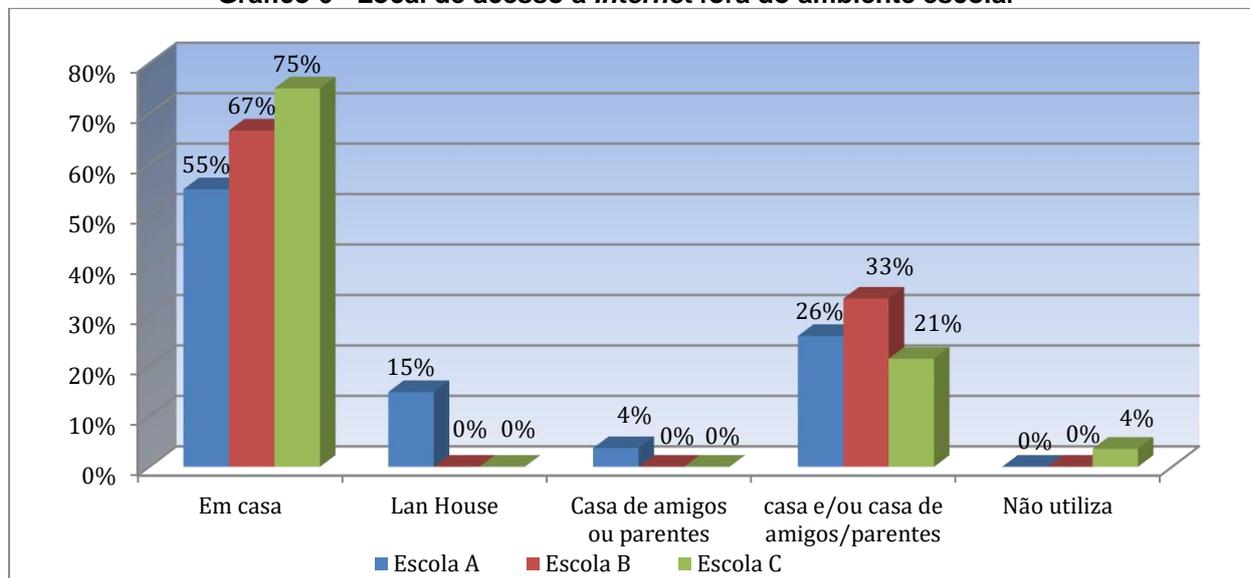


Em análise, pode-se dizer que a maioria dos estudantes pesquisados usava com frequência a *Internet* como possibilidade de estudos fora do ambiente escolar.

É possível perceber, ainda, que boa parte deles tinha acesso à *Internet* fora do ambiente escolar diariamente, porém, esse percentual foi menor quando questionados sobre a relação desta ferramenta com o aprendizado. De acordo com dados levantados por Tonini e Cardoso (2014) com estudantes de uma escola pública de Porto Alegre em 2012 e 2013, o uso da *Internet* pelos estudantes para realizar pesquisas escolares ficou em menos de 50% dos entrevistados, enquanto o uso de redes sociais, como o *Facebook*, chegou bem próximo aos 100%. Essa leitura permite observar que mesmo tendo acesso às tecnologias digitais, nem sempre elas são usadas como recursos para a aprendizagem por parte dos estudantes.

Dando continuidade à pesquisa, perguntamos aos estudantes das escolas pesquisadas em que espaços utilizavam a *Internet* fora da escola, com as opções de resposta: “Em casa”; “*Lan House*”; “Casa de amigos ou parentes”; “Não utiliza”. As respostas estão organizadas em percentuais no Gráfico 6.

**Gráfico 6 - Local de acesso à *Internet* fora do ambiente escolar**



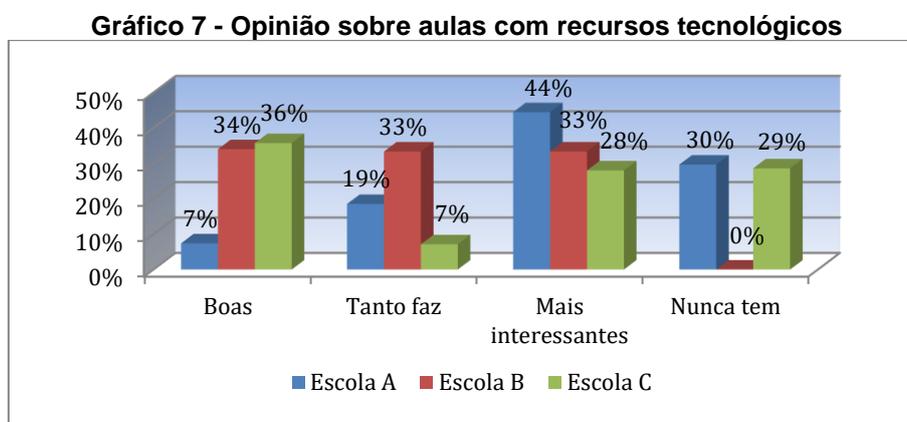
Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Quanto ao local de acesso à *Internet* fora do ambiente escolar, 55% dos participantes da escola A responderam que a conexão ocorria em casa, 15% em *Lan Houses*, 26% tanto em casa quanto na de amigos e 4% utilizavam a *Internet* apenas



em casa de amigos e/ou parentes. Na escola B, 67% tinham acesso em casa, e 33% na própria residência ou na casa de amigos e parentes. Nenhum dos pesquisados nessa escola respondeu utilizar *Internet* em *Lan House*. Nota-se, então, era-lhes possível conexão em rede de algum modo, mesmo aos que responderam não ter *Internet* em casa, como vimos nos gráficos anteriores. Na escola C, 75% responderam acessar em casa, 21% em casa ou em casa de amigos e parentes e apenas 4% responderam não utilizar. Na Pesquisa *TIC Kids online* Brasil, também a residência foi identificada como local principal de acesso dos jovens à *Internet*, a casa de outra pessoa em segundo lugar, em deslocamento em terceiro e, por último, a escola, do mesmo modo como ocorre nos demais países da América Latina investigados na citada pesquisa (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2018).

Com foco no uso de aparatos tecnológicos para o processo de aprendizagem, questionamos aos estudantes o que pensavam das aulas com recursos tecnológicos, dando-lhes as seguintes opções de resposta: “Boas”; “Tanto faz”; “Mais Interessantes”; “Nunca tem”, sistematizadas no Gráfico 7.



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Nesta questão, foi perguntado sobre a opinião dos estudantes sobre aulas com recursos tecnológicos. Na escola A, 44% dos participantes responderam que aulas com tais recursos eram mais interessantes, enquanto 19% responderam que tanto fazia, com ou sem, 7% assinalaram que eram boas e 30% responderam que não tinham aulas assim. Já na escola B, 34% dos pesquisados responderam que eram boas, 33% que tanto fazia e 33% afirmaram que as aulas ficavam mais interessantes quando recursos tecnológicos eram utilizados. Na escola C, por sua vez, as opiniões



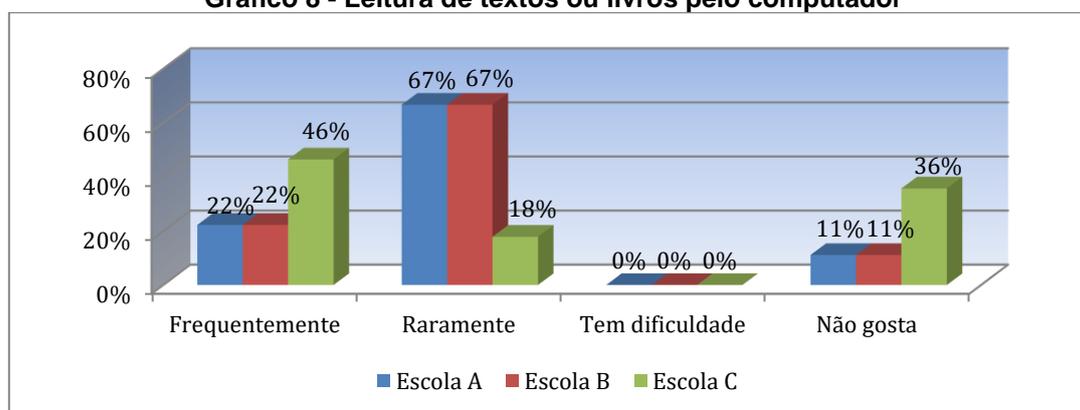
ficaram mais divididas, sendo que 28% responderam que aulas com uso das tecnologias eram mais interessantes, 36% que eram boas, 7% responderam que tanto fazia, porém, 29% responderam que nunca tiveram aulas desse modo.

Considerando que a maioria dos participantes esboçou alguma opinião sobre as aulas com recursos tecnológicos (alegando serem boas, mais interessantes, ou ainda se mostrarem indiferentes respondendo que “tanto faz”), observa-se que tais aulas aconteciam nas escolas pesquisadas, mesmo que esporadicamente. Quando 29% dos estudantes responderam que não havia esse tipo de aula, lembramos que se trata de dados levantados em uma mesma turma, o que gera uma interrogação quanto à compreensão dos estudantes quanto a aulas com tais recursos.

Os dados nos remetem às considerações de Costa (2009) sobre tecnologias e currículo, considerando todo o aparato que envolve essa questão, como o trabalho dos professores para o letramento digital, políticas públicas de inclusão digital, aparelhamento das escolas para tal finalidade e, ainda, o saber usar os recursos tecnológicos digitais para desenvolver aulas que prendam a atenção dos estudantes e os desafiem a usar as tecnologias e recursos disponíveis para a aprendizagem.

Continuamos nossa pesquisa levantando dados sobre o tipo de leitura efetuada pelos estudantes usando o computador, questionando-os sobre a leitura de textos ou de livros, com as opções “frequentemente”, “raramente”, “tenho dificuldade” e “não gosto”. As respostas são apresentadas no Gráfico 8.

**Gráfico 8 - Leitura de textos ou livros pelo computador**



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

No Gráfico 8, lê-se que 67% dos estudantes da escola A raramente liam textos ou livros pelo computador, mesma porcentagem encontrada na escola B, contra 18%

da escola C nesse quesito. 46% dos estudantes da escola C afirmaram que liam frequentemente textos e livros pelo computador, seguidos por 22% dos estudantes das escolas A e B. Já 36% dos estudantes da escola C responderam que não gostavam de fazer esse tipo de leitura, enquanto 11% das outras escolas assinalaram essa opção. Nenhum estudante relacionou a opção “não gostar”.

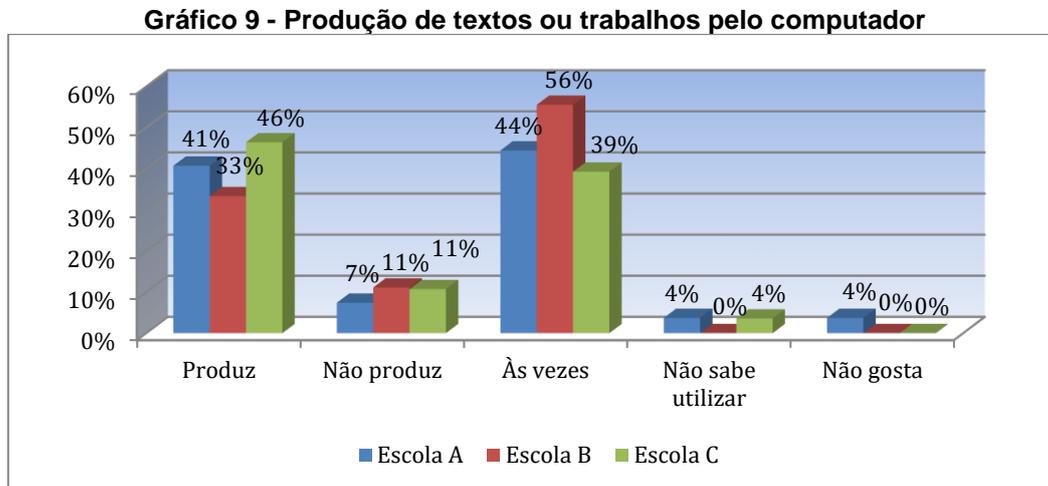
Muitas discussões têm sido feitas sobre a frequência de leitura entre os jovens contemporâneos, com posições contrárias de que a leitura diminuiu e aquelas que afirmam a recorrência de leitura entre jovens a partir das mídias digitais. Nas escolas pesquisadas, pode-se dizer que o percentual é relevante, embora a maioria tenha assinalado que raramente fazia leituras de textos e livros pelo computador.

Oswald e Rocha (2013) identificaram em uma pesquisa que mesmo nas escolas públicas que nomeadamente recebem estudantes de classes economicamente desfavorecidas a leitura em meios digitais era crescente e bastante interativa. Isso ocorria na medida em que os jovens entravam em contato com obras indicadas por amigos do mundo virtual, buscavam a leitura e também outras obras quando pesquisavam sobre as indicações literárias encontradas na *Internet*. Interessante notar, na pesquisa que realizamos, que os estudantes da escola C que responderam nas primeiras questões ter pouco acesso à informática e conexão em rede na escola, foram os que apontaram no quesito leitura o maior percentual, bem como também os que mais consideraram a resposta “não gostar de ler pelos computadores”, o que não significa que não lessem, apenas que o dispositivo não lhes era o melhor.

Em relação à escrita, outro ponto polêmico nos estudos atuais considera, de um lado, os que acreditam que a juventude pouco escreve, do outro, os que entendem que os jovens estão escrevendo muito mais, embora por mensagens cifradas, rápidas, reinventando a linguagem, adequando-a à rapidez dos aparelhos tecnológicos. Oswald e Rocha (2013) também apontam essa dicotomia de que pouco se escreve e muito se escreve, pois ela depende da perspectiva de quem analisa os processos de escrita. Para compreender como os estudantes pesquisados em Itapoá utilizavam o computador para a produção textual ou trabalhos escolares, questionamos - Você produz textos ou trabalhos no computador? – e estabelecemos as opções de resposta:



“Sim”; “Não”; “Às vezes”; “Não sei utilizar” e “Não gosto”. As repostas são apresentadas no Gráfico 9.

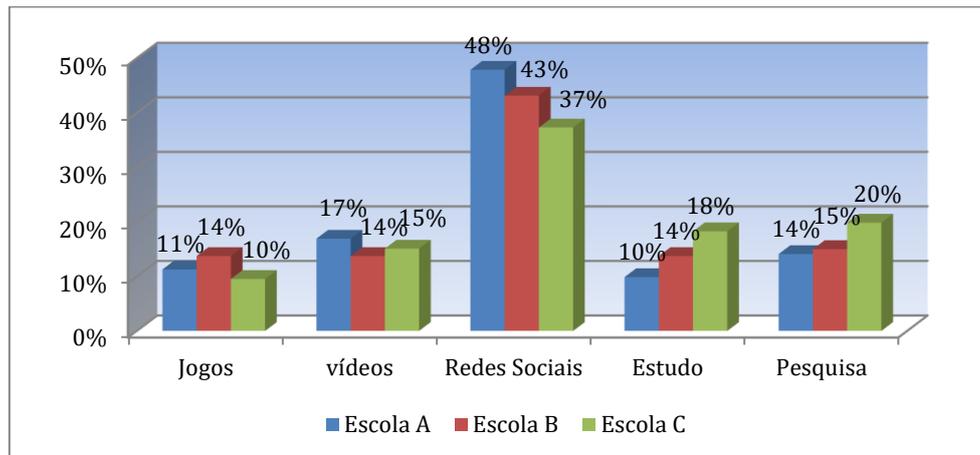


Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Os percentuais do Gráfico 9 indicam que 41%, 33% e 46% dos estudantes das escolas A, B e C, respectivamente, afirmaram produzir textos e trabalhos escolares pelo computador, enquanto 44%, 56% e 39% dos estudantes das escolas A, B e C afirmaram que produziam textos às vezes. Em relação a não produção textual por esse aparelho tecnológico, 7% dos estudantes da escola A e 11% dos estudantes das escolas B e C afirmaram que não realizavam esse tipo de produção. Em relação aos 4% dos estudantes das escolas A e C que responderam não saber utilizar o computador para esse tipo de produção e os 4% de estudantes da escola A que disseram não gostar desse processo, reiteramos as discussões já apresentadas de que a escola pode ser o caminho para a alfabetização e o letramento digital, especialmente àqueles que não têm condições econômicas necessárias para ter aparato tecnológico digital em casa e conexão em rede (TEZANI, 2017).

Para finalizar a pesquisa, questionamos aos estudantes sobre a frequência de uso da *Internet* e para que finalidade, oferecendo como opções de resposta: “Jogar”; “Assistir vídeos”; “Facebook”; “Whatsap”; “Outras mídias”; “Estudar e Pesquisar”. Sistematizamos as repostas no Gráfico 10.

**Gráfico 10 - Maior frequência no uso da *Internet***



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Observa-se, no Gráfico 10, que as redes sociais foram relacionadas como a maior finalidade de acesso à *Internet* pelos jovens pesquisados, considerando 48% da escola A, 43% da escola B e 37% da escola C. No quesito “pesquisa e estudo”, os estudantes da escola C indicaram utilizar mais a *Internet* para essa finalidade, assinalando 20% no item “pesquisa” e 18% no item “estudo”, ficando em terceiro lugar a finalidade de assistir vídeos e 10% para jogos. Quanto à escola B, a segunda maior finalidade de uso da *Internet* ficou para “pesquisa” e empatados os itens “estudo”, vídeos e jogos, com 14% de respostas para cada um. Já os estudantes da escola A assinalaram como segunda finalidade de uso da *Internet* assistir vídeos (17%), em terceiro lugar “pesquisa” (14%), em quarto lugar jogos (11%) e quinto lugar para “estudos” (10%). Cabe lembrar que os estudantes das escolas A e B foram os que relacionaram maior índice de uso da *Internet* na escola, de acesso ao aparato tecnológico nas salas de informática e no quesito “conexão”, em casa. Contudo, na utilização desse aparato para os estudos, foram os que menos os usaram para estudos e pesquisa.

A leitura dos gráficos apresentados nos dá algumas situações para pensarmos. Embora a pesquisa tenha sido focada em três escolas de um mesmo município e com realidades diferenciadas, como o atendimento a bairros mais distantes, estudantes do espaço rural e Ensino Médio, em uma delas, todas são públicas e localizadas em um município de pequeno porte do Sul do país. Mesmo com amostragem reduzida, algumas relações podem ser feitas. Primeiro, boa parte da juventude atual está conectada à *Internet* e faz uso dela em diferentes situações e finalidades. Essa

realidade se faz presente mesmo na escola que não ofertava, no momento da pesquisa, profissional habilitado para atendimento na sala de informática. Outro fator a ser pensado é a questão do interesse dos estudantes sobre as aulas com uso de aparato tecnológico, o que pode demonstrar que as escolas pesquisadas ainda não concretizaram o processo de inclusão, alfabetização e letramento digital, o que incide sobre a preparação, formação e as práticas pedagógicas dos professores, bem como a potencialização de políticas públicas que realmente atendam a essa demanda.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os arranjos escolares alteraram-se gradativamente nos últimos anos. No passado, a escola e o professor eram espaço e sujeito únicos para interação com a informação e os saberes valorados socialmente. Hoje, as redes sociais e outros veículos midiáticos são espaços de compartilhamento de informações.

Cabe à escola, portanto, a percepção de que as tecnologias digitais e demais aparatos tecnológicos precisam perpassar os sistemas de ensino, transversalizando as políticas educacionais, as construções curriculares, as metodologias de ensino e a formação de professores.

Ao pensar as relações dos jovens com as tecnologias digitais, consideramos o fato de utilizarem mais a *Internet* para interações nas redes sociais do que efetivamente para os estudos aspecto fulcral para a reflexão da equipe docente e diretiva das unidades de ensino. Isso implica articular os objetivos educacionais com as experiências e vivências dos estudantes fora da escola, pois esta só faz sentido quando o que se aprende nela dialoga com o cotidiano desses sujeitos.

Percebe-se, ao final deste estudo, a necessidade de ampliar a investigação, cotejando aspectos levantados, dentre eles o processo de inclusão, alfabetização e letramento digital, o que incide sobre a preparação, formação e as práticas pedagógicas dos professores, bem como a potencialização de políticas públicas que realmente atendam a essa demanda.

**MARCELA DEUNÍSIO OLKOSKI:** Graduada em Pedagogia (Instituto Superior de Educação de Garatuba-ISEPE); pós-graduada em Administração, supervisão e orientação escolar (UNIASSELVI).

**LUIZ MARTINS JUNIOR:** Licenciado em Geografia (UNIVILLE); licenciado em Pedagogia (UNINTER); mestre em Geografia (UFSC); doutor em Educação (UDESC); doutoramento Sanduíche (Universidade de Lisboa, Portugal); especialista em Inclusão e direitos da pessoa com deficiência (Instituto de Educação CBI of Miami).

**MARCIA VIDAL CANDIDO FROZZA:** Licenciada em Letras – português e literatura (UFSC); licenciada em Pedagogia (UNIASSELVI); especialista em Psicopedagogia (UNIASSELVI); mestre em Literatura Brasileira (UFSC); colaboradora do Programa Ponte-Solo na Escola (ESALQ/USP).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. F. Introdução. *In: COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Brazilian Internet Steering Committee. TIC Domicílios – pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. 2018. São Paulo: CGI-BR, 2019.*

BORTOLAZZO, S. F. Nascidos na era digital: outros sujeitos, outra geração. *XVI ENDIPE-Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino/UNICAMP. Campinas: Junqueira & Marin, 2012.*

BORTOLAZZO, S. F. O sujeito digital multitarefa: entre tecnologias e educação. *Educação & Tecnologia*, v. 21, n. 1, 2018.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Brazilian Internet Steering Committee. *TIC Domicílios – pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros. 2018. São Paulo: CGI-BR, 2019.*

COSTA, F. A. Um breve olhar sobre a relação entre as tecnologias digitais e o currículo no início do Séc. XXI. *In: VI Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2009. Centro de Competência da Universidade do Minho, 2009. p. 293-307.*

EMMANUEL, S. P. C. *Geração Z: quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital. [formato digital – kindle]. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2020.*

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.*

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.*

GOBBI, Maria Cristina. Nativos Digitais: Interfaces com a Cultura Midiática. *In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de. (Org.). Comunicação, cultura e juventude. São Paulo: INTERCOM, 2010.*

- GONÇALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas: Alínea, 2007.
- LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. 2. ed. Barueri, SP: Forense Universitária, 2002.
- MURDEN, A.; CADENASSO, J. *Ser jovem na era digital: uma aproximação aos processos de construção da subjetividade*. Cepal; Nações Unidas; Observatório da Juventude da Fundação SM na Iberoamérica, 2018.
- NARODOWSKY, M. *Desencantos y desafíos de la escuela actual: después de clase*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas, s/d.
- OLIVEIRA, E. S. G. Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. *Educar em Revista*, n. 64, p. 283-298, 2017.
- OSWALD, M. L.; ROCHA, S. L. Alves da. Sobre juventude e leitura na “idade média”: implicações para políticas e práticas curriculares. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 47, p. 267-283, jan./mar. 2013.
- PINHEIRO, R. C. Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam? *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 603-622, dez. 2018.
- PIPITONE, M. A. P. et al. O uso da Internet na qualificação de professores da educação profissional. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 11, 2002, Goiânia. *Anais [...]*, Goiânia, 2002.
- RIBEIRO, A. E.; COSCARELLI, C. V. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. São Paulo: Autêntica, 2017.
- TEZANI, T. C. R. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re) pensar a prática pedagógica. *DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, v. 19, n. 2, p. 295-307, 2017.
- TONINI, I. M.; CARDOSO, J. C. Os meios de comunicação, tecnologias digitais e práticas escolares de geografia. *Revista FSA*, Teresina, v. 11, n. 2, art. 10, p. 186-210, abr./jun., 2014.
- VALLERIUS, Daniel Mallman. Identidades (nem tão) virtuais: uma conversa sobre redes sociais, juventude e geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (Orgs.). *Movimentos no ensinar geografia*. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.



ZDRADEK, A. C. S.; BECK, D. Q. Proposições de uma investigação com jovens através das mídias digitais. *Interfaces da Educação*, Parnaíba, v. 10, n. 30, p. 7-29, 2019.

*Recebido em: 11/02/2021.*

*Aprovado em: 09/10/2021.*